A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

NUMERO 20 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

As Rainhas da Beleza do nosso concurso teatral

Auzenda de Oliveira e Laura Costa foram eleitas, com o mesmo numero de votos, Rainhas de Beleza no concurso do nosso jornal. A estrela brilhante do Teatro S. Luiz e a formosa "divette" do Teatro Maria Victoria tiveram esta consagração definitiva que mais de quatrocentos poetas celebraram em verso.

(Clichés Foto-Brazil)

O DOMINGO ilustrado
ANO I — LISBOA 31 DE MAIO DE 1925 — N.º 20
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R da Rosa, 99

questão previa

DRA aqui está uma «semana» que recolhe toda a minha simpatia—a «semana da creança», que eu desejaria vêr transformada no mês ou melhor ainda no «ano da miudagem», significando um interesse disvelado de todos os dias e todas as horas pelo desenvolvimento fisico e moral dos homens e mulheres do depois de amanhã.

E não são sòmente as petizas e petizes ranhosos, que as familias deitam para a rua, de manhã, como galinhas de campo, os que chamam a minha atenção, com as suas caritas lambusadas e os seus bibes couraçados com crôstas de imundicie, são tambem esses «Eusebiosinhos» que a gente topa por aí, engalanados como cavalos de cortezias, seriosinhos e de boa compostura, orgulho das mamãs, que os rebocam e que me parecem sempre mais vaidosas por os haverem domesticado do que por os terem concebido.

Ah, que horrivel produto morbido que é o chamado «menino fino», monstrosinho de cabelos frisados e fatiota á moda, que não dá um passo na rua sem que a sua minuscula mãosita se esconda, suada e inactiva, dentro da manapula duma pessoa crescida!

Vejo-os nos eletectricos, sem o irrequietismo traquinas tão proprio da idade, sentadinhos com o ar grave e preocupado de quem tem uma letra a vencer-se. Vejo-os nas ruas, encolherem-se no vão duma porta, se um camion passa a tres metros de distancia. Teem mêdo do sol, teem um vago terror dos pretos, o encontro dum canito brincalhão faz-lhes tremer as pernas e põem um grande cuidado em não sujar o fato, como se já lhes custasse a ganhar a vida e os preocupasse a conta do alfaiate.

As meninas da mesma especie monstruosa juntam a estas defeituosas qualidades, tão apreciadas no seio de algumas familias, uma certa pedantice «coquette», deitando-se já umas ás outras um rabito de olho menos prezador, com um estender de beiço significativo pelas respectivas «toilettes». E quantas vezes—ai de nós!—fedelhas de cinco anos se narcisam deante dos vidros das montras ou envlezam para os rapazes crescidos um olhar, que quer parecer-se com a olhadela com que as manas ou as primas mais velhas usam investigar das intenções, qualidades e possiveis rendimentos dos homens que na rua as encaram.

* * *

Aplaudo, pois, a semana da creança, como incentivo e demonstração da necessidade de se pouparem gerações mais aptas, pelo fisico e pela inteligencia, para a tarefa da vida.

As plantas que crescem livres pelas ruas, como as que são cultivadas, com excessos de todo a ordem, na estufa das casas, estão sujeitas a rectificações de tratamento para que vinguem e produzam bom fruto. Nem o enlambusado garoto em farrapos, que salta lepido ao estribo dos electricos, nem o menino entalado na derradeira creação da moda, que olha arripiado, atravez das vidraças as perigosas acrobacias do outro. Ha que definir-se o tipo intermedio, ha que restituir a creança á infancia, estadio do desenvolvimento que as desigualdades sociais e os malabarismos da educação perturbaram profundamente e de que tem resultado verdadeiros fenomenos de precocidade intelectual ou moral e de depauperamento fisico.

O garoto que aos cinco anos faz correctamente as quatro operações é um tão monstruoso produto de educação como o que, na mesma idade, ainda não trepa, sem auxilio, a uma cadeira. A rapariguinha, que ainda faz as suas necessidades na cama, mas já cose a ponto adeante os vestidos da sua boneca revela numa precocidade tão perigosa como aquela que se nos atravessa no caminho, a pedir um «mastãosinho», inventando uma historia bem chorada, em que ha um pai no hospital e uma mãe sobre uma enxerga, porque está para ter uma «criença».

* * *

Não é tarefa de levar com uma perna ás costas esta de reintegrar as creanças na infancia e conduzir-lhes, depois, o espirito e cultivar-lhes a saude por forma a bem apetrechá-las para a vida, com uma orientação mais sadia e levantada. Parece que a propria natureza, certamente viciada por longos anos de pessima educação, se compraz em produzir fenomenos de precocidade. Diz-se que até já hoje os gatos nascem com os olhos abertos. Não tenho bichana em casa, não posso confirmar o boato, mas pelo que respeita ás creanças ainda ha pouco me contava um amigo que um dia surpreendera uma sua pequerrucha de quatro anos a dizer, toda formalisada, para um irmãosito de dois anos:

—Que está o menino a olhar para mim? Olhe que eu sou sua mana!...

FELICIANO SANTOS

ECOS E COMENTARIOS

uma novela

Chamamos a atenção dos leitores para uma deliciosa novela que sob o titulo *Cabelo cortado* publicamos hoje. E' um assunto na ordem do dia e que se apresenta tratado com encantador pitoresco.

o comutador de Nossa Senhora

Temos o maior respeito pelas crenças religiosas e a liturgia com os seus aspectos materiais de culto, que a tantos é ridicula, respeitamo-l'a nós, como um reflexo inevitavel de grandes e distantes pensamentos.

Chocou-nos porém este dialogo, numa sacristia, entre dois eletricistas, quando as nuvens de incenso perfumavam o ar e a musica duma novena invadia as grandes naves do templo:

—E' pá! já arranjaste o comutador de Nossa Senhora?

—Já! Não te esqueças da tomada de corrente da chaga grande—que o prior ficou furioso por não ter funcionado hontem.

Uma tomada de corrente no *corpus crhisti*—e um comutador no resplendor da Virgem... Hão de concordar que a Egreja acompanha a sciencia, pelos menos naquilo em que esta lhe é util...

caridade

As festas de caridade sucedem-se, sob o pretexto verdadeiro da crise que atravessam os asilos e os institutos de misericordia.

Não raras vezes nessas festas uma nota de arte torna facil e doce a esmola. Conta-se no entanto que se desembolsaram trinta contos para erguer ha dias, com explendor, uma festa de socorro aos pobres. Que linda, que deslumbrante festa de bondade não seria a esmola, pura, simples escondida, dessa elevada quantia!

quinhentas mil libras

A Camara de Lisboa, num gesto largo, pediu quinhentas mil libras para arranjar Lisboa. E' caso para tremermos sinceramente. Com tão pouco dinheiro ela tem conseguido, senão espatifar Lisboa, pelo menos tirar-lhe o pitoresco e aumentar-lhe a porcaria. Que fará com tão tremenda quantia, o superior bestunto dos edis lisboetas? Haverá pelo menos quinhentas mil mudanças de nomes nas ruas — uma cidade nova...

Imprensa

Recebemos entre muitos outros jornais, cuja recepção nos honra, os semanarios «Restauração» que defende a politica monarquica, e «O Espectro» dirigido por Artur Leitão, com ilustrações de Francisco Valença e Leal da Camara.

por todo o mundo

Adamastor «no polo norte»

Se ha um povo no mundo que não precisa de rebaixar as glorias alheias para engrandecimento das proprias, esse povo somos nós.

Podemos altivamente dar o nosso quinhão de homenagens aos heroes dos outros, porque as glorias nacionaes nada as poderá ofuscar.

Por isso, ninguem como os portugueses acompanhará nesta hora o grande heroe Amundsen, que lá partiu á busca do polo norte nas azas frageis dum avião.

Tinha 2200 kilometros a percorrer, e na sua companhia levava 7 audazes e fortes companheiros. Tencionava fazer o vôo completo sôbre a imensidão das neves em 16 horas.

E as 16 horas já passaram e do audaz, pioneiro ainda a esta hora não chegaram novas. Sabe-se só que um forte ciclone soprou sobre as brancas neves.

... Terá Amudsen encontrado nessas regiões o seu Adamastor, prohibindo-lhe desvendar os seus misterios?

A terra meche-se

E meche-se extranha e caprichosamente.

Enquanto no imperio doirado do Japão mais um subito terremoto de 3 minutos destruiu aldeias e populações, causando imensas vitimas, numa pequena aldeia da França, Pisy, tem-se notado o seguinte phenomeno.

Ha 30 anos que a aldeira vae lentamente subindo, e uma colina que estreitava o horisonte com egual lentidão vae descendo.

A diferença de nivel hoje é já flagrante. Caprichos da natureza.

Por um portugues

Podem em terras extranhas esquecer-se de que fomos os descobridores da India; mas as paixões provocadas pelo «portuguesinho valente», não acabarão.

É ás vezes com seu colorido tragico.

Assim, diz-nos o telegrafo que uma loirita de 15 anos, em França apaixonada por um operario português, e contrariada nos seus desejos matrimoniaes pela familia interesseira, se abandonou á morte, de nada lhe valendo a loira juventude.

Ao menos que floresçam agora rosas na sua campa!

Um extranho presente

A qualidade de principo real, mesmo que seja do Imperio Britanico, não livra de situações por vezes bem embaraçosas...

Todos sabem que o nobre herdeiro d'esse vasto imperio tem feito uma viagem triunfal pelos dominios inglezes, e numerosos presentes lhe teem sido oferecidos. Pois chegando á capital sul-africana, um poderoso chefe hotentote lembrou-se de lhe oferecer... nada menos que uma sua propria filha, toda embrulhada em véus brancos.

O que livrou S. A. de tal preseute foi ter o doador chegado um pouco tarde á cidade do Cabo.

SPECTATOR

Má língua

À margem da peregrinação

Se eu possuisse libras de oiro fino
— para não mencionar outro dinheiro —
seguiria tambem esse destino.
E levava um bordão de peregrino
que havia de talhar em marmelleiro...

Em romaria na cidade eterna
—que conheço de vistas, nos postaes—
firme, sem me cançar de dar á perna,
arrastaria uma attitude terna,
cheirando ao longe as ceias dos «cardeaes».

No templo imenso, olympico,—e repléto,
o incenso me exaltava o fragil barro;
achava doce como mel do Hymeto
ver na penumbra cor de Lino Netto,
subir o «fumo» azul «do meu cigarro»...

Calmo, recolheria as indulgencias
que me rendesse a santidade do ano.
Beijaria os anneis das Eminencias.
Em «vias» cheias de reminiscencias,
talvez me visse Imperador Romano...

E embora o Vaticano achasse mal,
— por antigas questões pouco sympaticas —
eu ia vizitar ao Quirinal
um amavel senhor de Portugal
que alli trata das vias... diplomaticas.

A' volta, iria ao Centro catoláico
adherir e entregar o meu bordão.
Para se impôr ao mundo pharisaico
como potente luz de arco voltaico,
— o que ele tem é falta de adhesão.

Emfim. Oxalá faça o que eu faria
algum dos que lá foi. Pois á socapa,
já ouvi murmurar no outro dia:
—«Deus sabe quanta gente lá iria
que foi a Roma sem ter visto o Papa...»—

TAÇO

CONVICÇÃO

—Ó Dr., Tem a certeza que é uma pneumonia?
—Quando eu digo que um doente tem uma pneumonia, esse doente morre com uma pneumonia...

CAÇAR DE AUTOMOVEL

—A sua licença?
—Está aqui.
—Mas isto é a carta de chaufeur. É preciso a licença de caça... Está preso!

O que se lê

ISRAEL — Notas varias — por Adolfo Benarus—(Lisboa, 1924).

Adolfo Benarus, ilustre professor da Faculdade de Letras e um dos mais cultos membros da colonia israelita portuguesa, reuniu sobre o titulo de «Israel» algumas pequenas cronicas relativas á velha historia da Judeia, curtas biografias de Judeus celebres, contos cujos protagonistas são adoradores da lei de Moysés, lendas, curiosidades e estatisticas que se prendem com tradicionais costumes e praticas do judaismo e com o estado actual da questão judaica.

Trata-se duma obra despretenciosa, mas digna, por todos os titulos, da mais atenta leitura.

Sôb a prosa calma e elegante do categorisado professor, palpita uma alma plena de crença e animada pelo menos interesseiro ideal: o do amor à sua «gens», aos fieis dum mesmo credo de tão maravilhosa atividade, áqueles que teem por unica e ditosa patria um vasto mundo espiritual onde jámais entrou a Dúvida.

O livro do sr. Benarus é norteado pelo nobre desejo de lembrar que o alto exemplo de disciplina moral e intelectual que se encerra no espirito do judaismo poderia ter uma benefica influencia sobre a geração que está agora abrindo os olhos da alma perante o espectaculo da maior balburdia social e da maxima confusão de valôres. Só por esta louvavel intenção já seria um livro com que se pode conviver intimamente sem lhe negarmos o respeito que tanto merece.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Exposição Jorge Barradas

No salão Bobone, abriu no dia 23 uma exposição o ilustre artista Jorge Barradas.

O artista, já ha muito consagrado entre a moderna geração como uma das mais brilhantes faculdades, conseguiu com esta nova exposição, marcar definitivamente, duma maneira precisa o seu nome de desenhador e pintor eleito.

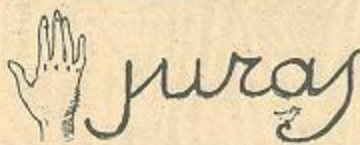
Todos os seus trabalhos, vibram extraordinariamente pela frescura, pela policromia cheia de saude e ainda pela maneira individual como são feitos. A côr é uma afirmação de poderosa vontade, a concepção dos quadros marca de uma maneira decisiva um lugar justamente alcançado.

Esta exposição é, sem duvida, o maior acontecimento artistico da primavera e o nome de Jorge Barradas fica definitivamente marcado como um dos mais ilustres artistas da pintura portuguesa.

VARIEDADE

—Então Maria, que significa isto, outro homem na cozinha?
—Que quer a senhora cá em casa come-se tão mal...

Crónica alegre

Juras

Do sentimento popular, que fala mais de filosofia que quantos «Colines» teem aparecido á face da terra, inventou um singelo ditame que é uma das melhores amostras da psicologia popular: «Quem mais jura, mais mente».

A falta de confiança, agregada á vontade que todos possuimos, de convencer os outros da pureza das nossas palavras, inventou o juramento, termo de responsabilidade em que Deus é chamado a servir de testemunha abonatoria.

Em geral, são as mulheres quem mais gasto dão aos juramentos. Juram por tudo e contra tudo: pela boa sorte, pela rica saude, pela luz que alumia, pela luz dos olhos, pela felicidade de um parente, e uzam tambem as variantes de, esta casa me caia em cima, cegue dos dois olhos, não me levante mais d'aqui, dê um estoiro como uma castanha, seja crivadinha de bexigas malucas, etc.

Em tratos de amor, tambem a jura anda em bailarico constante: Juro ser tua até á morte, juro que só gosto de ti (????????) juro que, se me deixas faço uma viagem de «sud-express» duma janela de quinto andar até á rua, etc. etc.

Se até São Pedro jurou, e mais era escolhido de Christo, que se fartou de o ensinar a falar sempre verdade! Quem mais jura mais mente diz o rifão! Pois fique a leitora sabendo que isto em Lisboa está muito catita, que toda a gente vive contente, que nadamos num mar de rozas e que Lisboa é a cidade mais civilisada do mundo. Não acredita? Juro que é verdade! Olhe, juro pela sua saude! Como provavemente é doentinha não lhe faz isso grande diferença!

«Todo o homem tem em si uma tragenia» escreveu Sienkiewicz, auctor que é costume citar para fingir que a erudição é coisa corrente cá por casa.

De facto, todos nós, bichos com forma humana, albergamos no cerebro não direi uma tragedia, mas pelo menos um drama em quatro actos.

Uma paixão morta em rebento, um sopápo do Destino atirado sem convite, um desengano fóra de tempo, eis no que se resumem as tragedias dos mortaes.

A minha vida dava um romance!... diz toda a gente na preocupação egoista de só se ver a si propria. Se toda a gente escrevesse romances, devia ser uma coisa muito interessante como sensaboria aplicada. As tragedias dos homens são sempre as mesmas, porque os homens sempre são eguaes.

Os casos extranos que se leem nos romances, que fazem deitar agua por uns buracos que geralmente existem abaixo da testa, são pura e simples fantasia. Ai do escritor que deliberasse atirar para o papel com um caso nu e cru. Seria de uma banalidade extrema.

Eu, creio que tambem tenho a minha tragedia. Até me ficava mal não apresentar o meu exemplar raro na exposição das tragedias humanas, mas acho-a tão banal, tão comum, que ando a ver se lhe dou uma volta para a coisa parecer mesmo verdadeira.

Desengane-se pois a «Sensitiva» que teve a amabilidade de me escrever, contando-me que ia fazer um romance do seu caso d'amor uma tragedia com toda a realidade. Não faça isso porque lhe saía uma obra tão chôcha que toda a gente julga que é mentira. E depois, ainda da outra razão para a convencer a não fazer a novela. E' aquela fraze, de não me lembro que filosofo grego: «Antes um escritor a menos que uma escritora a mais». E' talvez cruel sob o ponto de vista decorativo, mas é muito mais conceituosa do que V. Ex.a julga.

Tratamentos

Embirro que me tratem por «você». Serei pouco moderno, pouco estilo 1925, mas embirro, e tanto, que não trato os outros de outra maneira. Tambem não gosto do «vossa excelencia». Leva muito tempo a dizer e não quer dizer coisa alguma.

«Senhor» não é feio. E' ao mesmo tempo respeitoso e sóbrio. E' uma especie de forquilha em braza que se aplica ás intimidades tomadas por pessoas que não nos agradam. Serve de baliza, de arame farpado ás confianças expontaneas.

Para arreliar as senhoras, costumo trata-las por «meninas» quando até vinte anos, e por «Senhoras Donas» d'esse apiadeiro em diante.

«Senhora», cheira a mulher a dias, a velhota que faz recados. «Dona» faz lembrar parteira ou viuva de militar. E' o tratamento que se emprega para aquelas que apezar do grito de «Salve-se quem puder!» soltado aos vinte e cinco anos, não lograram arrimo salvador e passaram á categoria de tias, que é como quem diz—Mocidade cronica.—

«Menina», acho engraçado, harmonioso, cheirando a branco, mas o «tu» é que me quadra ao feitio. E' intimo, amigo, diz-se n'um beijo, não custa nada a dizer. Basta fazer um canudinho com os labios e soprar fazendo «ú»!

O leitor naturalmente, não avança nestas teorias. Tenha paciencia e olhe, para não lhe causar desgostos, trate-me por «compadre». Tambem não é feio e tem uma certa intimidade.

HENRIQUE ROLDÃO

No proximo domingo

Principiaremos a publicação de um sensacional folhetim teatral humoristico que decerto despertará grande interesse, intitulado:

MEMORIAS DUMA «DIVETTE»

Historia livre do teatro alegre, n'ele passam todas as figuras do nosso meio teatral n'uma graciosidade inofensiva e curiosa. E' seu autor

ANDRÉ GODIN

o nosso critico humoristico que tanto sucesso tem feito com as suas cronicas.

NO PROXIMO DOMINGO
LEIA SEM FALTA

PORTUGAL E MACAU

Recebemos o livro «De Portugal a Macau», edição da Seara Nova, que se apresenta sob optimo aspecto grafico, como todas as publicações desta empresa a que preside o alto criterio do distincto publicista dr. Camara Reis.

EMPREGOS PUBLICOS

—Quanto tira esse tipo por mês? Diz que ganha bem...
—«Ganhar» propriamente, ganha pouco, agora «tirar»...

Sports

As grandes receitas desportivas e as representações olimpicas — Um alvitre.

Ainda deve estar na memoria de todos a série de dificuldades com que o Comité Olimpico Português luctou, para conseguir que Portugal tivesse representação nos ultimos Jogos Olimpicos Internacionais.

A maior dificuldade foi a deslocação dos atletas, pois, para tal, foi necessario muito dinheiro.

Podia talvez o Comité Olimpico Português, de acôrdo com as Federações, Ligas ou Uniões dos diferentes ramos de Sport suavisar para o futuro essas contrariedades, instituindo um sêlo ou taxa no valor de 50 centavos, com destino ás nossas representações nas Olimpiadas Internacionais.

Esse imposto seria aplicado em todas as provas, concursos hipicos, desafios ou saraus desportivos, onde entrassem amadores, com excepção de aqueles que tivessem caracter de beneficencia.

Provas importantes se devem realisar no país, e tambem com grande assistencia; julgamos que esta ideia em nada iria prejudicar os organisadores dessas provas, pois este imposto ficaria a cargo do publico, que, na sua maioria, é constituido por gente de Sport, e portanto, a eles, lhes compete, auxiliar a nossa participação nas Olimpiadas.

Por outro lado, os Clubs aplicariam este imposto, uma vez cada ano, na quotisação dos seus associados.

Nas inscrições de provas oficiais, os Clubs pagariam a mesma taxa.

Estamos convencidos que esta ideia não iria resolver totalmente todas as dificuldades que teve o Comité Olimpico o ano passado, mas, muito o aliviaria. Seria tambem tarefa bastante espinhosa pôr em realisação este nosso alvitre, mas, com uma fiscalisação cuidada, conseguir-se-ia vencer.

Aqui deixamos este desinteressado apelo aos organisadores das grandes provas desportivas.

ROUSSADO DOS SANTOS

Prova do atleta completo

Organisada pelo tri-semanario OS SPORTS vae realisar-se nos dias 20 e 21 de Junho a prova do atleta completo, que tinha a sua realisação marcada para este mez.

Este adiamento ainda vem beneficiar mais a prova, pois os concorrentes que segundo parece serão em grande numero terão assim mais um mez para treinos.

A inscrição está desde já aberta encerrando-se no dia 3 de Junho.

Os sports nauticos

Os vencedores do C. N. Setubalense que ganharam o campeonato regional de domingo passado. os distinctos «sportsmen» Srs.: Rosa (timoneiro), Antonio Baptista, Antonio Castelo, Eduardo Chaves J. Sant-Ana. *(Cliché R. Rau)*

Nós e a Associação de Foot-Ball

Sem a imprensa, o sport, bem como todas as ideias modernas, seria letra morta.

Em poucos anos, a imprensa desportiva, com enorme sacrificio, tem levantado o sport nacional até ao grau elevado em que se encontra. Se hoje os desafios de foot-ball são grandes espectaculos de emoção, e despertam e movem multidões, apenas, exclusivamente, esse facto se deve á intensa propaganda da imprensa. Como corresponde a Associação de foot-ball, ao esforço que os trabalhadores da imprensa, patriotica e generosamente desenvolvem em prol do sport, fazendo entrar nos seus cofres centenas de contos, como hoje nenhuma empresa obtem?

Como trata essa associação, que tem obrigação de ser dirigida por creaturas inteligentes e de bom senso, um jornal como o nosso que é—dizemo-lo sem receio de desmentido a «maior tiragem de semanarios portugueses» e que em quatro meses de existencia fez vinte paginas dedicadas ao sport, trez capas a todo o tamanho de propaganda sportiva e mereceu aos desportistas e jornalistas espanhoes a classificação de «el mejor periodico popular de la Peninsula»?

Negando o que dá a todo o fiel farrapo: o bilhete de convite para o nosso fotografo e o nosso critico entrarem nos campos de jogos.

Não se acredita, mas é assim. Supinamente ridiculo, supinamente parvo, e supinamente triste que um grande elemento de sport, como a Associação de Foot-Ball, esteja nas mãos de quem assim tão inconscientemente a governa.

A coreografia é um sport?

Eis um assunto que está interessando alta imprensa desportiva alemã aproposito dum atleta celebre que foi regeitado para professor de dança num conservatorio de Berlim.

Inicia-se a reação contra os bailarinos romanticos. No entanto, foi nomeado um velho profissional coreografico.

Damos em gravura a notavel bailarina Esparza, que recentemente trabalhou entre nós e que é considerada um tipo de artista coreografica perfeita, em França e na Alemanha—e justamente por ser tambem uma gimnasta.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Continuam, ás dezenas, a afluir na nossa redação os selos com os votos do nosso concurso de foot-ball que tão grande entusiasmo tem despertado. Damos a seguir mais alguns concorrentes:

A JORGE VIEIRA

Carlos Silva de Loureiro
José Rodrigues Pinto.
Carlos Dias Ferreira.
Carlos C. Corrêa.
Julia D. Ferreira.
M. P. S. O.
Antonio R. Cruz
Carlos Duarte Junior.
José Maria Cardoso
Gastão Vasconcelos
Manuel R. Polonio.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

Cinemas, teatros e circos

NO SÃO LUIZ

A grandiosa festa do DOMINGO ILUSTRADO foi deslumbrante

Como todos os jornais largamente anunciaram, realisou-se no Teatro de S. Luiz, com uma grande enchente, a festa de «O Domingo ilustrado» que resultou um grande triunfo para o nosso jornal e a consagração brilhante de Auzenda de Oliveira como a Rainha da Beleza, eleita, com a sua gentil colega Laura Costa, pelo o nosso concurso.

Terminado o espectaculo, entraram no palco todos os artistas do S. Luiz e do Maria Victoria, com Laura Costa á frente, e seguindo depois Auzenda de Oliveira, que vinha entre o nosso querido director Sr. Leitão de Barros e o nosso brilhante critico humoristico Sr. Henrique Roldão. Uma estrondosa salva de palmas coroou a entrada, tomando então a palavra o Sr. Henrique Roldão que pronunciou o seu pequeno discurso.

Seguidamente o Sr. Leitão de Barros disse tambem algumas palavras que adeante publicamos, e finalmente, Laura Costa, depois de muitos artistas terem recitado bastantes das quadras que publicamos, recitou com Auzenda um pequeno e primoroso duetto.

Auzenda, comovidissima, agradeceu, e o publico, de pé ovacionou-a, sendo-lhe nesse momento oferecida uma enorme «corbeille» de rosas brancas e flores lilazes, com um grande laço de fita, onde se escreveram as recordações da festa, e o premio, representado por um magnifico retrato em aguarela, emoldurado numa preciosa moldura Luiz XIV, em oval, fabrico da casa Maximiano da R. da Madalena.

E, assim terminou a linda noite de 5.ª feira

O pequeno discurso de Henrique Roldão, como segue:

Minhas Senhores: Senhores:

O Domingo Ilustrado, entre muitas ideias felizes, lembrou-se de abrir um concurso, para saber qual a mais bonita actriz portugueza.

Ao fim de algum tempo, contaram-se os votos e, sem qualquer especie de chapelada, verificou-se que, na opinião de 438 dignissimos «poetas-amadores,» as caras mais lindas dos nossos palcos eram Auzenda de Oliveira e Laura Costa.

Hoje, é da primeira que se trata.

Auzenda vai receber o premio que o *Domingo Ilustrado* tem a honra de lhe oferecer mas antes, querem alguns dos seus endiabrados admiradores afirmar de suas razões e assim, aproveito esta aberta para dizer a V. Ex.as duas palavrinhas açucaradas sobre a actriz Auzenda de Oliveira.

Já se lhe tem chamado figura de *biscuit*, figura de *Saxe*, figura de leque, figura Luiz XV, figura de cêra e outras amabilidades em sentido figurado.

Nas suas linhas delgadas, no quasi arrendado das suas formas, na filigrana dos seus gestos, ha tanta beleza, tanta suavidade, tanta transparencia, que nós chegamos a pensar se a Auzenda realmente existe ou se é apenas um *truc* cinematografico do Armando de Vasconcelos para ter uma boneca na sua companhia.

Olhos portuguezissimos, tão portuguezes que sendo ela Oliveira parecem duas azeitonas, nariz arrebitado de mau genio, boca pequenina mas que deve dizer grandes mentiras, e uma pena ser de carne e osso, porque se fosse pintada, ninguem acreditaria que não fosse a valer.

A beleza de Auzenda, tem tanta delicadeza

Após a brilhante festa do Domingo Ilustrado, *no palco do S. Luiz: Da esquerda para a direita: D. Dulce de Almeida, Henrique Roldão, D. Auzenda de Oliveira, Vasco Sant'Ana, D. Laura Costa, Guilherme Pereira de Carvalho, Leitão de Barros, D. Aldina de Souza e Sales Ribeiro.* — (Cliché *Ferreira da Cunha*)

tanta finura, que não me admiraria que alguem de bom gosto lhe pozesse o letreiro:

«Fragil—Não voltar»—!

E notem V. Ex.as que é apenas por fóra que nós conhecemos a Auzendinha! Calculem o que ela não será por dentro!

Mas isso é materia para um novo concurso que vamos fazer e em que V. Ex.as poderão votar se tivessem vagar para isso.

E, como ésta festa não póde alongar-se por razões cronometricas, fecho aqui o arrazoado fazendo minhas as palavras dos oradores que se seguirem e ainda as d'aqueles que não falam por vergonha ou por serem mudos de nascença.

Uma grande salva de palmas e poucas gargalhadas acusaram a pequena palestra. Tomou então a palavra o Sr. Leitão de Barros, que pronunciou em nome da Direcção deste Jornal a seguinte saudação a Auzenda de Oliveira:

Rainhas.
Minhas Senhoras.
Meus Senhores.

O Domingo ilustrado que nasceu outro dia e é na imprensa portuguesa um bébé rechonchudo, decidiu abrir um concurso entre os seus numerosos leitores. Nesse concurso pretendia saber-se qual a mais linda mulher que pisa os palcos portugueses. Das provincias, das Ilhas, de Africa, e até do Brazil, concorreram portugueses mais ou menos poetas a darem o seu voto aquela que mais os havia impressionado. Quantas pequenas paixões, ignoradas e sem esperança, não estarão dentro dalgumas das ingenuas quadras que ides ouvir! Quando uma mulher entra em scena, e quando essa mulher é linda como as Rainhas que presidem a esta festa, quantos sobresaltos de sincera paixão não provoca, desde o pobre rapazito que se debruça na geral, até aqui ao respeitavel cavalheiro da frisa... Simplesmente—valha-nos isso—essas paixoes são tão efemeras como o brilho doirado da ribalta—e a gloriosa e radiante formosura de hoje, da ingénua e da dama galã, é amanhã a apagada e discreta meia edade da caracteristica... Glorifiquemos pois, hoje, nas duas gentilissimas raparigas portuguesas eleitas para unica realeza eterna—a da Beleza—a graça, a frescura, a mocidade das nossas lindas mulheres.

Quando se fala das espanholas, nos evocamos as formas rotundas da ultima cançonetista que nos ficou nos olhos. As francesas, diz-se, são as mais elegantes. As inglezas passam sempre no nosso pensamento sem saltos e de pés grandes.

E as portuguesas? Quanto a mim ha um proverbio, deliciosamente pitoresco que as define á maravilha e que foi feito para elas: A mulher e a sardinha quer-se fresca e pequenina. São desse glorioso tipo as nossas soberanas desta noite.

Peço ao publico que fantasie aqui, a meu lado, junto de Auzenda d'Oliveira e de Laura Costa, Amelia Rey Colaço, Aura Abranches, Ilida Stichini e essa linda flôr que é Mara Helena—e que veja depois, se esse admiravel «bouquet» de graça, de harmonia e de mocidade, em que aparecem tão lindos tipos de beleza bem portuguesa, não justifica o nosso concurso teatral.

Resta-me ainda pedir tambem ao publico que perdoe algumas das injénuas poesias que vai ouvir.

Saibamos comprehender que se ao fazerem esses versos todos os poetas estavam caidos em tentação donde o sairem dessa queda algums pés quebrados. Estou mesmo convencido que Camões, se viesse ali do Largo até aqui—um homem nem sempre é de bronze—não faria neste caso um soneto—fazia uma tolice.

Emfim, Auzenda e Laura Costa, Rainhas gloriosas deste Pôvo, poderão, aqui para nós, ao relerem as pobres quadras dos seus apaixonados poetas dizer com pena mágua como o Pinheiro Maluco—Porcalhões dum Povo!

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O CABELO CORTADO

uma deliciosa novela, cheia de sentimento, de graça, de pitoresco, que se lê dum folego, que comove, que entretem e que encerra muita verdade.

EU fui ao casamento de Suzana e Carlos. Casaram-se em Santa Isabel, numa manhã clara, em que o sol batia de chapa sobre a fachada simples do templo, pondo scintilações no verniz do guarda-vento interior. Os convidados esperavam com inpaciencia na sombra fresca, tendo á frente o noivo palido e lambido a cosmeticos.

Suzana saltou do trem, trémula, transparente de nuvens de tule, com um grande ramo de rosas brancas meio fatigadas pelo calor. A madrinha—era a mãe—vinha muito reluzente, opipara, a estalar em seda negra, frisada e chorosa.

O pae, que era da reserva, e trazia a farda nova e as medalhas de Africa lustradas a amoniaco—tomou-lhe o braço, muito correto, e arrastou-a pela alcatifa da escadaria, com solenidade.

O rapazio descalço e meia duzia de velhas crapulosas estendiam num murmurio os braços nús descarnados. Dentro, nas filas de cadeiras, abrindo alas, antigas condiscipulas de colegio, de pedras falsas nas orelhas e irritantes peles de carapinha branca, sorriam de inveja em comentarios baixos.

Orou um padre obêso de capa rica, que profetisou a paraiso ventura eterna e as bençãos para aquele novo lar da travessa de São Placido.

Carlos e Suzana olharam-se comovidos. Ela baixou o olhar brilhante; ele encarou o publico com firmeza. Um petiz bexigoso estendeu uma salva de prata com as alianças, a assistencia convicta curvou-se ao peso dum formidavel latim, e ficaram casados...

* * *

Tudo naquela casa alegre de São Placido — corria placidamente. Passaram dois anos sem filhos. Suzana tinha os inofensivos devaneios da pirofoto-pintura. Carlos em negocios de bolsa, á margem do seu emprego bancario, ia de vento em popa. Pelo Natal foram a Sevilha, não faltavam ás primeiras representações, e para casa, á volta, davam-se ao luxo duma tipoia que a visinhança registava: «esta gente do trinta e três, bate-se».

* * *

E assim, burguês, descuidado, fechado por dentro em dias de revolução, aberto ao luar tranquilo em noites quentes de Julho, o primeiro andar da travessa era um lar feliz. Carlos gostava da mulher e da casa.

Era ele proprio que ás tardes, pela fresca, catava os cravos das sacadas e regava mais tarde as plantas. Vinha tarde do Banco e quando saiam, iam juntos a algum teatro. As noites eram da mulher. Gostava de estar para ali a vê-la, curvada sobre o bordado piegas duma almofada, á luz do candieiro.

Suzana penteava-se em largos bandós sobre a testa, e algum cabelo mais curto enrolava-se em caracois á roda da cara. Ele então chegava-se ao pé dela, tirava-lhe os ganchos e logo as duas tranças negras e elasticas, saltavam sobre o colo... Era essa uma das suas pequenas e secretas volupias...

* * *

Nessa tarde, Suzana tinha dito pelo telefone, que sim, que tinha tido muita pena de não estar em casa da outra vez, e que as recebia com todo o gosto.

Eram as Macedos, umas raparigas chiquissimas que ela de verão tinha conhecido na Figueira.

O que quereriam as Macedos?

Logo por azar tinham vindo quando ela fôra ao dentista. E toda se inchava com a ideia de que as Macedos, que andavam nas secções mundanas dos jornais, e «se davam com tão boa gente» viessem ali, falar com ela, á sua modesta casa da travessa de S. Placido.

A's quatro horas já a saleta estava florida com flores da praça, tinha-se prendido o cão para não sujar a casa com alguma inconveniencia, e o solitario que estava sobre o piano tinha um laço novo. Na casa de jantar, semi-cerrada, havia com fartura bolos da Ferrari—o chá para as Macedos.

* * *

—Não imagina D. Suzana a contrariedade que tivemos noutro dia... Apanhamos uma estafa...

—Que pena... disse Suzana fazendo-se muito fina, eu tenho este queixal podre, deforma que ando a trata-lo...

—Pois, que nos trazia cá, é a nossa festa—o Baile aquatico que vamos fazer nas Belas Artes.

—Puzemos a D. Suzana na comissão...

A mim?!

—E' verdade, atalhou a Zéca acompanhando a fala com aquele maneio de quadris que lhe dava o ar dum continuo fox-trot—a D. Suzana vae para a «Barraca das Ciganas». E deve-lhe ficar muito bem o fato.

Desde ali ficou logo assente que Suzana deitaria as cartas e iria com umas raparigas «chiquissimas» ler as sinas.

* * *

Que bem lhe fica, Zéca, agora reparo, o cabelo cortado, fez Suzana, um pouco envergonhada do seu penteado burguez.

—E' á «garçonne», eu tambem cortei acrescentou logo a mãe, D. Flavia, mostrando a sua pescoceira gorda e rapada, onde, a certa altura, começava a estopa grisalha e oxigenada da sua cabeleira em espanador.

—Ai, credo, a D. Suzana tem que cortar—uma rapariga chic e nova—até parece mal...

—Não sei se o meu Carlos consente...

—Ora, minha amiga! Venha com a gente ao Golden, e depois, verá: os homens até gostam mais...

E, não foram precisos muitos esforços para conquistar com essa sedução de novidade o espirito futil e a burgueza «coquetterie» de Suzana. Dois dias depois, de manhã, no Golden Palace, Vasques, o velho mestre do oficio, assentara os óculos e passava-lhe a tesoura ligeira pela nuca, onde a sua penugem se encaracolava ainda, com a finura das Virgens de Rafael, em pequeninas roscas de oiro...

* * *

Quando Carlos voltou a casa Suzana correu para ele, anichou-se-lhe, meiga, no peito e perguntou-lhe voltando a cabeça: Então que tal? Não me fica melhor? O rapaz encarou-a, descaido o labio de espanto, fixou-a bem, procurou a antiga cabeça de oleografia romantica naquela nova linha de bilhete postal mundano e por fim disse: Está bem...

—Mas diz, não fico melhor?

—Ficas outra...

* * *

O amôr, disse alguem, é cego. Outro alguem, de maior experiencia, afirmou, pelo contrario: só tem olhos. A verdade é que se ama apenas pela vista.

Um grande amôr nasce mais dum vestido feliz do que dum sacrificio heroico. Um penteado, um chapeu, um par de sapatos—decidem destinos.

* * *

Suzana entrou na festa de caridade e Carlos, inexplicavelmente, começou a aparecer menos em casa. Secaram na varanda ao sol as roseiras abandonadas e ia secando tambem o seu interesse pela mulher e pela casa. Andava nos clubs, mais distraido, em futeis conquistas, conhecendo mulheres como quem toma cervejas.

Suzana adivinhava-o. Carlos não era mau. Mas, esse fundo de ternura que havia na sua alma para o lar e para a mulhersita, burguesa e simples, de bandós apanhados, fôra-se, involuntariamente, obliterando, dia a dia, noite a noite...

* * *

—Tu já não gostas de mim como dantes, Carlos?

—Porquê?

—Porque sais todas as noites, vens tardissimo, deixas-me aqui só, não queres saber de mim...

—Não sejas parva. Ou te calas ou saio já. E ela calava as lagrimas, mas mal ele saia, rompia num choro que a mortificava e acendia no pequeno oratorio uma lamparina de suplica.

* * *

Uma tarde, surprehendeu-o, sosinho na saleta a olhar o seu retrato antigo uma foto da Brazil emoldurada a prata, que estava sobre o piano.

No seu grande instincto de mulher adivinhou tudo.

Ah! se ela tivesse como outr'ora as suas longas tranças, que o prendiam nas largas noites de inverno em mil caricias alegres, ele não fugiria.

Sim, fôra desde esse dia, em que ela aparecera outra—que ele doutra maneira gostava dela. E foi com lagrimas nos olhos que tirou da caixinha de charão, como dum pequeno esquife, os dois cadaveres longos das suas lindas tranças...

* * *

A mulher morava ao Intendente e anunciara no «Noticias» mil drogas e a felicidade completa, em consultas das 5 ás 7. Quando Suzana, deixou a escada ingreme e escura, sobraçava tremula um frasco com um liquido amarelo. Que tomasse duas vezes ao dia, que o cabelo havia de crescer, rapido como a barba dos homens. E que se não crescesse logo, que o queimasse e que voltasse que ela o espontava com fogo lento, á noite.

A tudo anciosamente Suzana se sugeitaria.

Que lhe não fugisse o seu Carlos, que o tivesse bem preso a si. Se as suas tranças, se o seu cabelo era o encanto daquelas noites de intimas caricias, quanto não daria ela agora para o ter de novo, e com ele de novo conquistar o homem que lhe fugia!

* * *

—A senhora? perguntou Carlos á

(Conclusão na pagina 8)

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O estranho caso do cemiterio do Lumiar

Leia esta pagina! Prende-lo-ha, irresestivelmente esta pequena novela de emoção, escrita sobre um facto já tradicional e verdadeiro.

A taberna do «Malfeito» áquela hora da noite, estava quasi abandonada. De dia, entre as pragas dos ciganos que vinham trazer gado á feira do Campo Grande, os palavrões dos carroceiros e a lufa-lufa de gente das cercanias, atarefada nas compras e nas vendas, a taberna do «Malfeito» tinha qualquer coisa de «grande meio», n'aquele ponto afastado da cidade. Pela calçada de Carriche, subiam as manadas de gado guisalhando, pondo na vida do bairro uma nota alegre de movimento, mas áquela hora, onze e picos da noite, á luz mortiça do candieiro de petroleo, que mal alumiava o balcão forrado de zinco, a taberna era como que um buraco vagamente aberto no negrume da rua, e de onde, de quando em quando, saía uma palavra mais alta, a dispersar o silencio que cobria tudo em volta.

Junto de uma meza salpicada de vinho e de traços a giz, quatro homens jogavam o «liques» com um baralho de cartas encebado. As mãos em concha, dando ás cartas um feitio de quilha, de espaço a espaço, um molhava as pontas dos dedos nos labios, batia rijo com as falanges no pinho da meza, dizendo:

—O «cavalo»!

—Está aqui a «dourada»!

—Já ganhámos!

—Mais uma «bóla»!

Emquanto o «Malfeito», patrão da locanda, ia somando lentamente a conta dos fiados, n'um livro esguio, de folhas voltadas nas pontas.

—Olha que o vi eu com estes que a terra hade comer!—exclamou um dos parceiros emquanto baralhava as cartas—Era assim a módos um almanjárra alto como umas casas, e levava uma vela acesa na mão!

—Tu é que já vinhas «aceso»!—exclamou outro, tipo de carroceiro, que dava pela alcunha de «Bexiga»—Naturalmente tinhas-lhe «chegado» bem!

—«Caes» quê! Se eu te digo que o vi mesmo! Vinha eu a voltar a azinhaga das Bruxas! Quem primeiro deu fé foi o macho que se pôs ás arrecuas!

—Eu cá nessas coisas não me meto!—disse o Jeronimo, um tal que negociava a venda da fructa e, dizia-se, ja tinha morto um homem—Sempre me heide lembrar que aqui ha doze anos, voltava eu da feira da Luz, quando de repente os bois pegaram a rugir e não havia maneira de os arrancar do meio da estrada! O'lho para a frente e oh! rapazes! Eu nem sei como não me deu uma coisa! Encostados a uma oliveira, estavam dois vultos muito brancos, assim a modos embrulhados em lenções! Voltei costas e só dei por mim no «Pucaras» do Campo Grande! Aquilo nunca mais me esqueceu!—e tomando o baralho de cartas—Dás tu agora ó Inocencio!

—Lerias!—exclamou o «Bexiga» tomando as cartas.—Eu tenho andado por toda a parte, ás vezes é noite como breu e passo ao pé do cemiterio de Bemfica, sosinho! Pois nunca vi nem ouvi nada!

—Pois eu—disse o Inocencio—como já lhes disse, vi e vi bem! Olhem foi mesmo á esquina no muro!

—Se calhar era algum «gajo» que andava disfarçado!

—Homem não digas isso! Então eu não vi! E depois de repente, desapareceu!

—Foi iluzão!

—Seria, mas o que eu garanto é que nunca mais torno a passar de noite ao pé do Cemiterio do Lumiar!

—E é isto um homem!—exclamou o «Bexiga»!—e voltando-se para o jogo—Quem tem o «licanço!?»

—Não! Lá homem, tanto és tu como eu!

—Eu nunca tremi de passar ao pé de cemiterios!

—Nem eu! Mas desde hontem...

—Queres tu fazer uma aposta? A ver quem é capaz de passar agora por lá!

—Olha eu não!

—Pois vou eu!—e o «Bexiga» tomou uns grandes ares de valente—Vae feita a aposta?

—Homem! Eu com isso não quero brincadeiras!

—E ainda faço mais!—e o «Bexiga» levantou-se.—Aposto em como sou capaz de ir pregar um prego na porta do cemiterio!

—Tu?! disseram os outros em córo.

—Pois então! E é já! O' «Malfeito»! Que horas são?

—Falta um quarto para a meia noite—disse o outro depois de olhar o despertador posto nos varões de ferro que guardavam as bebidas.

—Pois vocês vão ver! Dá cá um martelo e um prego ó «Malfeito»!

—Ó «Bexiga» vê lá o que vaes fazer!

—Estão vocês para ahi a tremer das almas do outro mundo! Vocês não são homens, não são nada! Aposto meio litro em como vou agora mesmo pregar este prego na porta do cemiterio do Lumiar! Está apostado?!

—Vá feito!—disse o Inocencio! mas—espera lá! Tens de ir sosinho senão, não vale!

—Pois já se deixa ver! Eu abalo d'aqui sósinho, e volto, e quando fôr manhã, vamos todos ver se lá está este prego espetado, ou não!

—Está bem!

—Venha o meu capote!

Um vento sinistro tinha começado a uivar por entre o arvoredo. Nuvens pesadas encobriam a lua, tornando a noite mais negra.

O «Bexiga» embrulhou-se no capote á alemteiana, carregou as abas do chapeleirão, enfiou no bolso o prego e o martelo e disse já da porta:

—Em meia hora estou de volta!

* * *

As oliveiras em fila, ladeando a estrada, lembravam sombras macabras. Aqui e ali, póças de agua luziam de quando em quando batidas pelo luar que logo se escapava, coberto pelas nuvens cinzentas.

—Sucia de poltrões!—e o «Bexiga», embrulhando-se no capote, seguia a largos passos pela valeta.—Qual fantasma nem meio fantasma! Bebedeira é o que é! Bebedeira!—Na distancia dum casal, um cão uivava agoirentamente. O «Bexiga» franziu as sobrancelhas e com uma praga, apressou mais o passo monologando:—Raio de cão!

O silencio da noite, era apenas quebrado pelos gritos do vento, que dançava nas ramadas das arvores. Pezadas gotas de chuva começaram a cahir. No ar pairava um cheiro especial de terra molhada.

E o «Bexiga», andando sempre, dava já ao demonio aquela ideia que, o obrigava a apanhar uma carga de agua, e a embrular-se mais no capote que o vento teimava em querer arrancar-lhe:

—Sucia!—e o «Bexiga» sentiu uma extranha vontade de falar sósinho, uma imperiosa força que o obrigava a não pensar no que ia fazer—Sucia! Cobardões! Raio de vento!

Para encurtar caminho, saltou a um valado. Os pés escorregaram-lhe e, para não cair, deitou a mão a uma folha de piteira que lhe ensanguentou os dedos. Soltou uma praga e agora, em terreno lavrado, era obrigado a fazer mais força para andar, porque os sapatos a cada passo se enterravam na terra—Sucia!—monologou—Tambem que ideia que eu tive! Cobardões!

Subito, uma facha tenue de luar bater num muro muito branco, que ao longe marcava o cemiterio do Lumiar.

Sem querer, o «Bexiga» estremeceu. Ora que diabo de ideia aquela! Ele a bem dizer queria provar que não tinha medo, mas... Realmente isto de brincar com os mortos que são sagrados! Já em pequeno, na terra, tinha ouvido contar historias de aparições, de fantasmas! Lerias, no final de contas!

Mas um estremecimento extranho, tomava-o á medida que o muro branco se tornava mais distinto. Sabia-se lá o que era a morte! E depois... sim, porque afinal havia muita gente que jurava que já tinha visto!

O seu pae por exemplo, que era homem incapaz de beber um copo de vinho! Fossem lá dizer-lhe que não tinha visto uma alma penada no celeiro, a arrastar correntes de ferro! Não! Sempre havia qualquer coisa! Ele, é claro, não tinha medo mas, ha coisas que só Deus é que sabe!

O vento gritava agora mais forte, fazendo gemer dolorosamente os ramos das arvores. O «Bexiga» parou um momento: E se voltasse para traz? Podia muito bem dizer que não tinha visto o caminho, que se tinha perdido! E a troça dos outros!? Ele tinha-se feito valente! Não! Antes tudo! E apressou o passo.

A dez metros, o muro do cemiterio estendia-se, escondendo á vista o campo triste que protegia.

—Raio de ideia esta!—e o «Bexiga» parou de novo a pensar se... de repente começou a correr direito ao logar do portão do cemiterio. Estava decidido. Aquilo era rapido. Não era preciso bater muito o prego.

Uma ave negra passou-lhe junto, batendo as azas com ruido. O «Bexiga» sentiu que o queixo lhe tremia. Febrilmente, apertou o cabo do martelo, que levava no bolço. Um mal estar indestincto, percorria-lhe o corpo fazendo-o vergar as pernas. Realmente aquilo... sim, sabe-se lá o que fazem os mortos! O portão estava ali em frente. Lá para dentro era tudo escuro. O luar fugidio, banhava de quando em quando as pontas dos ciprestes, que balouçavam tristemente. E d'ahi que lhe acontecia? Nada! Isto é... as almas... não morrem... Mas os companheiros? A troça que seria na taberna do «Malfeito» quando toda a «malta» soubesse do caso?! E n'um grande esforço, arrastando as pernas, olhos fechados para não ver, aproximou-se da porta do cemiterio. Tateou com a mão tremulala madeira. O martelo custava a sahir do bolço, o medo de ver, obrigava-o a baixar a cabeça.

Deu a primeira pancada que ressoou no silencio, pondo-lhe um frio extranho no corpo. O prego não entrava, a madeira era dura. Os dentes batendo, sen-

(Continua na pagina 8)

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

BARBANCHONO:—O cavalheiro dirige-se a uma farmacia, compra duzentas pastilhas de sublimado corrosivo, engole-as, e fica completamente livre de dizer tolices em calão e de escrever asneiras em papel de carta.

FROOM:—Professora de francez não conheço nenhuma, mas posso indicar-lhe um mestre de mudanças que talvez seja o mesmo para o caso.

D. JUAN TENORIO:—Case, mande dizer a morada e a hora a que não está em casa.

UM ENTE DO SEXO MASCULINO:—Não penso nada. Pode ser que elá goste de V. Ex.ª Tem-se visto tanta coisa... e as mulheres fazem tantas asneiras...

DUQUE DE CHOISEUL:—Um tanto dissimulado e d'uma franqueza quasi mal creada. Um tanto ou quanto de prodigalidade e com poucas recomendações para marido. Uma lasquinha de toleima e facil de intrujar.

CARLINHOS:—Porque tem mais em que pensar.

LIRIO:—Mas minha senhora, isso pertence á Historia da Humanidade! A educação que se dá á mulher, obriga-a a ser curiosa e, mercê de determinadas coisas de que lhe vedam o conhecimento inteligente, quando menos se cuida, rebenta. E' certo que só depois repara que a «verdade» não corresponde em nada ao que a sua fantasia tinha creado, mas... já é tarde.

MARIQUINHAS:—Minha querida menina: Não ha amor por mais alto, por mais sublime, por mais espiritual que seja, que não acabe prosaicamente na mais imbecil das realidades! Por isso, deixe o luar descançado que isso entesica...

CHOSMA II:—A primeira tenta-o sob um ponto de vista e a segunda sob outro. O camarada estuda qual das duas lhe serve melhor e decida-se, tendo sempre em vista que a timidez é uma coisa que as mulheres traduzem por palermice. Lembra-se da historia do «pierrot». Qualquer «Arlenquim» com um suculento apalpão é melhor entendido que todas as purezas juntas.

MARIA ANTONIA:—Vou dar-lhe um exemplo que serve admiravelmente para o que deseja: já reparou que uma carta de amor escrita por nós é sempre uma coisa mui catita mas que, quando lemos uma carta d'esse «sistema» escrito por outro, achamo-la a coisa mais ridicula d'este mundo?

DAMA DAS CAMELIAS:—E' verdade! Tambem sofri já d'uma doença. Escrevi muitos versos. Hoje porem estou curado e só os faço... a quem mos pagar.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

CAMPO PEQUENO

A despedida de Teodoro Gonçalves sem José Casimiro—Um mau curro—Uma tarde em que brilham os forcados.

bandarilheiro Teodoro Gonçalves, que durante 34 anos desempenhou a contento geral a sua profissão algo espinhosa, conquistando passo a passo a estima do publico que o admirava e dos colegas para os quais o seu espirito de boa camaradagem não podia ser mais correcto e sincero, realisou no domingo a sua fesfa de despedida profissional, no Campo Pequeno, com um programa escolhido, do qual fiseram parte os seus dois filhos, Rafael e Francisco Gonçalves, que prometem com conhecimentos de toureio e muitas faculdades que possuem, substituir com vantagem, seu pae que alguma cousa foi a dentro da nossa tauromaquia.

Não permitiu o mau tempo que enchesse a lotação, tendo-se notado contudo, grande concorrencia, principalmente nas bancadas do sol, que estavam quasi completas, sendo o festejado recebido depois das cortezias com uma grande manifestação de simpatia dos seus numerosos amigos e admiradores que foram ali prestar a homenagem que Teodoro merecia.

Os touros de diversas ganadarias, de boa aparencia e pessima lide, prejudicaram o brilho da corrida, bem como a falta de José Casimiro que se fez sentir, tendo sidó á ultima hora substituido por Simão da Veiga (pae) que farpeou um touro, o peor da manada.

Simão da Veiga (filho) fechou a lide dos seus dois touros com dois pares de curtos. bem colocados, obtendo por esse motivo uma chamada especial bastante ovacionada.

O espada Valencia, muito mandrião e pouco delicado, nada fez que merecesse as numerosas pesetas que veio ganhar.

Os filhos de Teodoro que são dois valentes toureiros, colocaram alguns bons pares de bandarilhas e com o capote executaram uma faena que resultou brilhante. Temos toureiros!

Teodoro Gonçalves, fez-nos recordar os seus tempos gloriosos, lanceando de capote com a mesma agilidade de outr'ora. Foi delirantemente ovacionado.

A grande animação da corrida foi originada pelo valente grupo de Santarem, que executou rijas pegas de cara e cernelha.

Incansavel em toda a lide os bandarilheiros Tomé e Malagueño, tendo este sofrido uma colhida de grande aparato, sem más consequencias.

Manuel dos Santos dirigiu muito bem a corrida.

E assim fechou com chave de ouro a vida profissional de Teodoro Gonçalves, que se despede da tauromaquia, legando-lhe, para o substituir, os seus filhos Rafael e Francisco Gonçalves, os quaes podem ser considerados, sem favor, dois valentes e esperançosos toureiros portuguezes.

Do meu particular amigo e cronista taurino, José Luiz Ribeiro («Pépe Luiz») recebi um exemplar do seu recente trabalho, «*Cañero nunca existiu*», em cujo texto o autor levanta com bastante alma e muito patriotismo a portuguezissima arte de Marialva, ao mesmo tempo que reduz a terra, pó, cinza e nada... o valor artistico do celebre e discutidissimo «cabalista» D. Antonio Cañero.

Agradeço e oferta do exemplar e recomendo-o aos leitores do *Domingo Ilustrado*.

ZÉPEDRO

PROGRAMA DA CORRIDA DE HOJE

1.º touro para D. Ruy da Camara
2.º » » Chicuelo com picadores
3.º » » João Branco Nuncio

INTERVALO

4.º touro para D. Ruy da Camara e J. Nuncio
5.º » » Chicuelo com picadores
6.º » » Chicuelo (a sós)

O ESTRANHO CASO DO CEMITERIO DO LUMIAR

(Continuação da pagina 7)

tindo as pernas a dobrar, deu nova pancada e sentiu que o prego tinha entrado. Largou o martelo e ia a fugir espavorido, quando sentiu que «alguem» lhe puxava pelo capote. Um ronco aspero morreu-lhe na garganta e tombou por terra, como que fulminado por uma corrente electrica.

—Olha que a partida teve graça—! Exclamava o Inacio caminhando com os parceiros, já manhã alta, pela estrada, —O «Bexiga» o que quiz foi rasparse! Tambem com a noite que estava!

—O alma danada, a fazer aquilo tudo, só para a gente perder a noite á espera d'ele! Esperem lá!—e o Jeronimo obrigou-os a parar—Que raio é aquilo ali á porta do cemiterio?

E correram para ver. Estendido no chão, o «Bexiga» jazia morto, com a cara muito roxa, um laivo de sangue cualhado ao canto da bôca. Prezo por uma manga no prego cravado, o capote alemtejano balouçava.

H. R.

CABELOS CORTADOS

(Continuação da pagina 6)

creada, ao circundar os olhos pela casa de jantar vazia.

—Está deitada—diz que se sentia mal... E, logo nessa noite dois medicos velaram indecisos a cabecita de Susana, delirante de febre. Que teria? No delirio, Susana pedia o remedio, o frasco, o frasco...

Os medicos inquiriram.

Uma espuma sanguinea aflorara-lhe á bôca. Era uma intoxicação gravissima. Quinze dias, entre a vida e a morte, com lavagens totais do estomago fizeram da pobre Susana um farrapo. A tisana da mulher envenenara-a. Foi preciso uma convalescença longa no Estoril, e uma tarde, Susana, amparada na varanda do hotel a almofadas brancas, confessou a Carlos.

Tomara um remedio terrivel—para que lhe crescesse o cabelo...

—Pobre maluquinha... E Carlos beijou-lhe as mãos com uma lagrima nos olhos.

* * *

Irregular e desigual, o cabelo cresce-ra-lhe durante esses vinte dias de febre e uma onda larga começava agora a emoldurar-lhe de novo a testa palida.

E na primeira manhã em que Susana enrolou sobre a nuca a sua pequenina trança—ele trouxe-lhe como perdão dois ganchos de oiro e um beijo terno e longo, dos antigos...

O Homem que passa

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Avlis—Marco Lino—A. Peres—Rei Móra—Violeta—Rapsag—Zé Branco—Alves & Ferreira—Sentinela & Gomes.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 18.

Decifrações do numero passado:

Enigma: Camelia.
Charadas em frase: Hortaliça—Marcolino.

—

CHARADA EM VERSO

(Retribuindo a Chá-Tango)

Francisca nada me custa
Em vir ao seu chamamento,
Pois que o fardo só assenta—2
A quem não tenha talento.

Escrevo da Capital—3
Á minha cára confrade,
Desejando-lhe, afinal,
Socego e tranquilidade.

REI MÓRA

CHARADAS EM FRASE

Muda e cega, devido ás drogas com que a trataras; aquilo não era medico, era um charlatão!—2—2.

REI FERA

Toda a pessoa que tem crença, deve seguir atraz do esquife—1—2.

AFRICANO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

—Só se publicam enigmas e charadas em verso, chradas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

—E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Memorias duma "divette"

SENSACIONAL FOLHETIM HUMORISTICO DE

ANDRÉ GODIM

LEIA NO PROXIMO NUMERO

A NOVELA DO DOMINGO

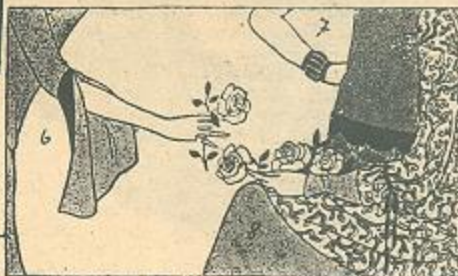
VEM PREENCHER ALGUMAS HORAS VAGAS COM AGRADAVEIS LEITURAS

pagina feminina

Carta de Paris

O detalhe das mangas

A moda actual prende-se muito, mas duas transformações, com os pormenores, os pequenos detalhes. E' este mesmo um dos seus caracteres. Como não cuidaria, pois, das mangas, uma das partes da «toilette» que melhor se presta á fantasia?

A manga comprida, de regra para de tarde, é a que oferece mais variedades. Ora a vêmos estreita e embainhando o braço, desde o hombro ao punho, ora mais larga e apertada n'um pequeno bracelete. De resto, é cingida apenas no antebraço, do hombro ao cotovelo, e alarga-se em seguida progressivamente até baixo, quer que o termo da manga, quer que um folho, quer que o proprio côrte da manga, se

preste a este efeito (Fig. IX). Como neste modelo, o principio da manga é muitas vezes aberto, o que lhe dá uma agradavel mobilidade com o côrte colocado do lado de cima; a manga descobre o braço (fig. VI) d'uma maneira mais graciosa do que pratica, mostrando em numerosos modelos um fôrro de tom diverso.

Outras mangas oferecem a divertida fantasia duma manga «gaine», nascendo duma manga ampla. Não é original a disposição desta manga (fig. II) sobrepondo-se desde o hombro ao cotovêlo e apanhada em seguida num longo punho? Uma fila de botões e uma incrustação de tecido de tom muito diverso, augmenta o inedito ao modelo. O mesmo tema interpretado duma maneira um pouco diferente, a manga (fig. VIII) mostra um exemplo da mistura tantas vezes empregada da musselina estampada e lisa numa mesma manga. Braceletes lisos cortam, de resto, a musselina de côres, em diversas alturas.

Por vezes encontram-se efeitos de duplas mangas: uma manga de crêpe ou de tecido de lã entreabre-se por cima do punho sobre uma mangasinha branca finamente trabalhada de pregas, de «à jours», adornada com pequenos fôlhos de renda. E' esta uma linda maneira de variar o aspecto das mangas estreitas, que são ainda as mais numerosas. Adornam-se estas mangas com mil pequenos detalhes engenhosos.

Fendidas, deixam passar um fôlho de renda, um plissado branco fixado ou não sobre um bordado (fig. III) ou uma simples lamina de «piqué» branco (fig. V). Altas manguinhas mosqueteiro, chegando quasi ao cotovêlo em certos modelos, ornam-lhe o punho; são em pano branco, em fina renda, ou em bordado. A (fig. I) mostra um enrolado de organdi substituindo a mangueta do pulso por uma forma original. O bracelete de coiro (fig. VII) que pode tambem fazer-se em pano, forma um divertido chamamento da guarnição do vestido.

Um fôlho de tulle, de «guipure», de linda renda, recahindo sobre a mão, é sempre uma maneira deliciosa de terminar uma manga; isto apenas para os vestidos da tarde.

Pormenores descritivos das gravuras

1.ª—Trez folhos em forma, em organdi, enviezado, do mesmo tecido, compõem o fresco adorno deste vestido preto.

2.ª—Uma incrustação de couro vermelho e botões do mesmo tom, sublinham a originalidade da manga em kasha natural.

3.ª—Plissados de linon branco são incrustados sob um bordado azul carregado e cinzento, para este vestido de papeline.

4.ª—Sobre um vestido de crêpe estampada em doirado e escuro, a ponta da manga, é em musselina plissada de trez tons de doirado.

5.ª—Uma folha de «reps» de algodão branco põe uma nota clara sobre a manga «tailleur».

6.ª—Um fôlho de crêpe preto forrado de vermelho termina a manga dum vestido no mesmo crêpe vermelho.

7.ª—Semelhante á incrustação que marca a cinta, um punho de couro vermelho recortado dá uma nota brilhante ao vestido azul marinho.

8ª—Um punho de crêpe verde prolonga a manga em crêpe estampada castanho escuro e verde, apertado por uma fita de veludo castanho escuro.

9.ª—Uma onda em fita de veludo parma, conserva fechada a manga, alargada e fendida em crêpe malva.

Mudanças bruscas de temperatura

E' sabido de toda a gente que as mudanças bruscas de temperatura, ora muito calor, ora muito frio, não só originam doenças, mas estragam imenso a pele. Por isso; e sendo o nosso clima muito propenso a essas transformações, é indispensavel que as senhoras, na sua maioria possuindo uma pele delicada, se defendam eficazmente contra isso.

Nada melhor do que o uso amiudado do «Caliderma», um novo crême, de composição especial no genero do bem conhecido «Kaloderma», para evitar esses perniciosos efeitos do ar vivo, quer no rosto, quer nas mãos.

Experimentem e verão que lhe dizemos a verdade. Vende-se na «Perfumaria da Moda», da rua do Carmo, 5 e 7.

CELIMÉNE

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 19

Por V. Mariu (Espanha)

Pretas (13)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

(CONTINUAÇÃO)

Proporção, pureza dos mates obtidos. (Uma posição de mate é pura quando cada casa que rodeia o Rei em mate não é atacada senão por uma só força.)

Belesa, elegancia por meio de lances imprevistos e combinações inesperadas, sacrificios, variedade

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Uma ausencia forçada me impediu de dizer algumas palavras sobre os films da semana que findou... ha uma semana. Agora é tarde mas, em todo o caso, devo referir-me ainda a dois films ou trez:

A deshumana:—Um dos mais curiosos films exibidos até hoje em Portugal. Acção, decoração e concepção á altura da fantasia genial de Marcel L'herbier. O publico em parte, quiz brutamente, apodar de futurista esta obra nitidamente hodierna, mas teve que dobrar-se ante a evidencia da grande beleza do film. Na interpretação, Jacques Catelain, insuperavel. O titulo está mal traduzido. Em francez é L'Inhumaine. «60 horas Zeppelin»: Um documentario explendido, nitido e empolgante.

Eugénia Grandet:—Nem parece um film da «Metro». A adaptação irrespeitosa da obra de Balzac faz calafrios. Rodolfo Valentino, apagado, Alice Terry, sempre muito formosa. Rex Ingran, fóra das grandes encenações, fracassa.

Agora, os films da semana que hoje acaba.

Todos os irmãos foram valentes:—Vidé o que acima fica dito de «Eugenia Grandet» mudando o nome de Rodolfo Valentino por Lon Chaney.

Loucuras da mocidade:—Um film corrente, bem interpretado, sem novidades nem arrojos emocionaes. Mary Carr, uma «doublure» bonita

Castigo de amor:—Bonita comédia sentimental com bonita mise-en-scéne e com a mulher mais bonita na America. Catarina Mac'Donald, premio de beleza de New-York. O que se pode chamar um film bonito.

A' sombra dum trono:—Joia italiana servindo para mostrar o belo talento de Soava Gallone e as boas intenções decorativas de Carmine Grelone. Dois artistas que, fóra de Italia, seriam muito maiores. Fotografia excelente, argumento porteiril e sombrio,

Ricardito é um az:—Richard Talmadge é um nome de garantia. E' um bom film de aventuras.

A Princeza esmeralda:—Não se descreve. Vê-se, foge-se e adquire-se aversão pelo cinema. Mau serviço á arte!

ÉCRAN

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 18

	Brancas	Pretas
1	16—19	23—16
2	6—9	13—6
3	7—10	?
4	10—28	?
5	28—32 (D)	?
6	23—9—2—16—30	22—18
7	8—11	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 19

Pretas 1 D e 1 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 17 os srs. José Brandão, Raul Machado e um aprendiz (Foz do Douro), havendo dois amadores que nos dizem que o problema está errado, mas hão de estar já convencidos que se enganaram. O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. oaquim Cavaleiro (Porto).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Actualidades gráficas

João Chagas no seu leito de morte

O eminente jornalista e apostolo da Republica, João Chagas, morreu de repente, num quarto do Avenida Palace, na noite em que um grupo de politicos realisava um banquete no mesmo hotel. Alguem disse: «á hora a que morreu um grande republicano, alguns pequenos republicanos comiam. Não é inteiramente assim — mas, no emtanto, poucos homens da Republica têm uma tão clara e nobre vida como a teve o ilustre morto.

CINEMA

LIANE HAID, formosa e talentosa artista alemã, protagonista da creação de Richard Oswald «Lucrécia Bórgia», a estrear em breve no «Cinema Condes».

UMA HOMENAGEM

ASCENÇÃO MACHADO, o ilustre arquitecto sub-chefe da 4.ª repartição do Municipio de Lisboa, a quem o seu pessoal acaba de prestar homenagem pela sua longa carreira de brilhantes serviços.

NO TEATRO

ALEXANDRE DE AZEVEDO, o grande actor que actualmente trabalha no Politeama, faz ámanhã a sua festa com o «Après L'amour», a deliciosa peça francesa. Uma comissão se constituiu, de que faz parte o nosso amigo Pereira de Carvalho, para levar a efeito essa festa que será mais uma noite de gloria para o eminente comediante.

CINEMA

CATARINA MAC DONALD, primeiro prémio de beleza de Nova York, estrela no film «O Castigo do Amor», o grande sucesso do «Cinema Condes».

PUBLICIDADE

A MARCA PREFERIDA PELOS CONHECEDORES. — CENTENAS DE REFERENCIAS. — STOCK COMPLETO DE SOBRESELENTES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º
LISBOA

Brevemente

A novela do DOMINGO

LEITURA FACIL

LEITURA ALEGRE

LEITURA PARA TODAS AS CLASSES

LEITURA PARA TODAS AS EDADES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

Os ultimos modelos da moda encontram V. Ex.as na

CASA DAS CARTEIRAS, L.DA

100, RUA DA PRATA, 100
LISBOA

NÃO HAJA DUVIDA QUE OS FATOS FEITOS E POR MEDIDA SOBRETUDOS DA MODA E CAPAS Á ALEMTEJANA são sempre mais BARATOS NA CASA DAS TESOURAS

51-51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 53-55
PERES & ARRANTES SUC.R

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11
LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

O A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

Tapeçarias de Traz-os-Montes
(URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS "CONTESSA NETTEL" CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA

TELEF. N. 908

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

QUER CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00 — CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00 — RESERVAS ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:
- AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
- AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
- INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
- CHINA: — Macau.
- TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A SEMANA DA CREANÇA

Salvemos os filhos do pôvo!

Salvemos a creança portuguesa, cuja vida triste de miseria e desconforto corta o coração! A tuberculose e o alcoolismo, minam os filhos dos pobres. Purifiquemos essas flores que nascem murchas; acabemos com a horrivel miseria que arrasta pelas ruas bandos como estes!